



# THIEL É NIILISTA O SUFICIENTE?

Johan Gärdebo<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este ensaio examina criticamente a interpretação de Peter Thiel acerca do Anticristo e do *katechon* como categorias para compreender a crise contemporânea da civilização ocidental. Sustenta-se que o principal desafio enfrentado pelo Ocidente não é apenas a ameaça de um colapso escatológico, mas o surgimento de uma nova forma de niilismo, enraizada no declínio dos fundamentos religiosos e culturais compartilhados. Com base em Nietzsche, Girard, Dostoiévski e na história intelectual europeia, o artigo argumenta que o niilismo contemporâneo pode funcionar não apenas como sintoma de decadência, mas também como fonte de novas formas de significado, sacrifício e propósito coletivo. A questão central, portanto, não é como impedir o niilismo, mas se suas energias podem ser orientadas para um futuro civilizacional construtivo.

**Palavras-chave:** Niilismo; Peter Thiel; *Katechon*; Anticristo; Civilização Ocidental.

Na primavera de 2026, fui convidado para discutir “o Anticristo” com Peter Thiel. Suas séries de palestras privadas agitam o debate público. Ou, pelo menos, agitam o ambiente público. Parece que qualquer ideia dos *empresários da indústria de tecnologia* é, por extensão, interpretada como uma proposta para a futura política do governo Trump. Há muito tempo é tácito que o assento de comando da administração, os interioranos que escutam o país, seguem a liderança da direita da Costa Oeste.

Tais maquinações políticas são verdadeiras, mas igualmente: o interesse *específico* de Thiel pelo Anticristo não é mera vontade de poder. Seu diagnóstico diz respeito a nós, no Ocidente, em particular. Nossa civilização é assombrada por ele. Nossa filosofia da história, nosso hori-

---

1 Clare Hall, Universidade de Cambridge, Cambridge, Reino Unido.

zonte de eventos do possível, oscila constantemente entre dois extremos. Ou teremos progresso perpétuo, ou o Fim dos Tempos.

Em suma, o Anticristo é mais do que pontos de conversa meméticos para seguir o Homem Laranja (como sugerido por aquele inútil artigo da revista *Spectator*). O Anticristo nos ajuda — falando agora como um europeu nórdico — a identificar os problemas específicos que afligem cada vez mais o Ocidente. Estou falando de *niilismo*.

“Anticristo” de fato soa estranho ao ouvido moderno. Assim observou o grande Josef Pieper, e Thiel retoma a ideia. Isso ocorre porque já esquecemos quão obcecadas eram as sociedades cristãs com a vinda de um falso Messias. Se quisermos um indício do caráter ‘pós-cristão’ da sociedade ocidental, a estranheza com que a palavra começada com “A” soa aos ouvidos modernos não é um mau sinal de alerta.

Costumava-se acusar opositores políticos de serem o Anticristo. Quando Ian Paisley acusou a União Europeia de cumplicidade, falava apenas pelo remanescente quadrante da política protestante que é a Irlanda do Norte. Ele foi recebido não com choque, mas com toda a incompreensão do comitê de escárnios. A obra de Columbano, desfeita por fim.

Após trezentos anos de revolução científica e Iluminismo, com o empirismo se transformando em império, nós, no Ocidente, acabamos por nos esquecer do Anticristo. As guerras religiosas cristãs terminaram em Praga, em 1648, diante da *Banqueting House*, em Londres, em 1649, e em Fontainebleau, em 1685. Nunca mais a moralidade pública repousaria em algo tão incendiário quanto a metafísica.

Já foi de outra forma? A mente moderna não consegue compreender.

Embora quase todas as culturas humanas tenham tido alguma explicação para as origens e o destino final do mundo, a tese de Thiel é que o Cristianismo deu à história uma direção em direção a um fim determinado, onde o Anticristo chega como sinal do Fim dos Tempos.

O Fim dos Tempos, portanto, é algo muito real. De fato, o Armagedom é o meme que mais longe levou as ambições da modernidade, dando origem a instituições regulatórias globais sem precedentes. Na memória

viva, testemunhamos inúmeras tentativas de construir marcos internacionais: contra holocaustos nucleares; contra as mudanças climáticas; contra pandemias; contra a IA.

Embora bombas atômicas, combustíveis fósseis, vírus criados em laboratório e computação generativa sejam, em larga medida, produtos da modernidade, Thiel observa como esse paradigma moderno nos conduziu a tentativas cada vez mais amplas de controlar a engenhosidade humana. Vimos o *Zeitgeist* ocidental se deslocar da produção para o controle: de produtores a controladores. Esses controladores ascenderam ao poder sob o pretexto de prometer segurança para todos. Um mundo, ou nenhum, assim profetizou Oppenheimer, em temor e tremor.

Não falamos mais sobre o Anticristo, sustenta Thiel, porque os anticristãos venceram. Sua escatologia — a de que outro mundo é possível — é paradoxalmente assentada numa desconfiança de tudo que seja inovador. Como Criatividade e Destruição são espíritos afins, os humanos prometaicos não podem mais permanecer sem correntes. É isso que significa viver no Fim da História. Ou seja, no fim da História *Cristã*.

O que seria necessário, em nossos dias, para manter vivo o espírito humano? O que é forte o suficiente para conter a vinda do Anticristo? Esta é a questão de Thiel e, nela, sua revolta contra o mundo moderno. A fim de se opor à escatologia, ao *Eschaton*, Thiel argumenta que devemos novamente buscar o *Katechon* (talvez valha a pena pesquisar esses termos).

Até agora, a maior parte das críticas a Thiel assumiu a forma de ridicularização, e pode ser resumida em três linhas de pensamento. Primeiro, não seria o próprio Thiel o Anticristo? Segundo, não seria o *Katechon* apenas um código conveniente para produtos militares nos quais o próprio Thiel investe? E terceiro, a escatologia não seria um *pouco demais*? Esotérica demais? Niilista demais? Talvez toda conversa sobre o Anticristo possa ser descartada como os devaneios niilistas de um homem rico e entediado?

Ai dos críticos contemporâneos, são previsíveis demais. Estão obcecados com, como mencionado acima, as preocupações *gerais* da sociedade

moderna. E a política moderna ocupa-se inteiramente do físico, nunca da metafísica.

Dito de outra forma, nossos críticos refletem o próprio niilismo que nega a possibilidade de um desafio civilizacional *específico* enfrentado pelo Ocidente, neste caso a vinda do Anticristo. É esse niilismo que sustenta e alimenta a escatologia, precisamente o objeto contra o qual Thiel agora dirige seu ataque.

Mas e se fôssemos *afirmar* o niilismo? Se assumirmos uma postura afirmativa, reconhecendo a falta de sentido de nosso tempo presente, talvez possamos chegar mais rapidamente a um novo ponto de partida, a partir do qual a ação passa a *conferir* sentido.

A novidade e a estranheza dessa ideia, acredito, decorrem de vivermos em um período histórico que ainda carece da linguagem para descrever nossa saída dele. Assim, por falta da Palavra, como observou Fausto, “No princípio era o Ato”.

Esta é a preocupação real que Thiel traz à tona, a saber: que o Anticristo não é *suficiente*. Não é esotérico o suficiente. Não é niilista o suficiente.

Não é suficiente para a *VIDA*, que deve ser pronunciada com tanto ânimo e entusiasmo que os itálicos e as maiúsculas são oportunos.

Afinal, o Anticristo não bastou para Nietzsche. Ele dedicou-se a livros inteiros sobre ir *Além do Bem e do Mal*, e os “Novos Artistas” que poderiam trilhar aquelas montanhas sem luz. Goethe, à sua maneira, fez o mesmo.

## **O Anticristo acelera, mas não chega**

Quando Thiel descreve o Anticristo, é como uma força que ganha velocidade, mas nunca chega. Aceleração e alarme, mas nenhuma ruptura no tecido do mundo. O fim está próximo, mas nunca aqui. Por que isso ocorre?

Embora o homem ocidental de hoje seja, em grande medida, secular, quando pensa no Anticristo, pensa como pensaria um *Cristão*. Ou, como

se diz na velha Inglaterra, como pensaria um *conservador com 'c' minúsculo*. Para esse cristão e conservador, a mensagem central é impedir que o mundo chegue ao fim, como quem tenta adiar o estouro de uma bolha imobiliária especulativa. Além dessa bolha aguarda apenas o Abismo, no qual ele não ousa mergulhar.

Thiel não é um conservador com 'c' minúsculo. Poderíamos compreendê-lo melhor como um *katechon* com 'k' minúsculo. Ou, ao menos, a grande fortuna de Thiel lhe confere algum poder katechônico.

Mas o poder katechônico de Thiel não é suficiente para deter o Anticristo. O que deve ser feito, e o que é mais provável que aconteça, é que aqueles com poder katechônico se preparem para o que está por vir.

O *katechon* do século XXI, dito sem rodeios, prepara-se para a guerra.

Como seria essa guerra? Ou, se permanecermos dentro da linguagem da teologia cristã, como seria o Anticristo?

O mais próximo que Thiel chegou de descrever o Fim dos Tempos foi por meio da seguinte leitura inspirada em Girard — se bem me recordo, Thiel nos disse:

O Anticristo será um grande indivíduo. Ele será o filósofo que colocará fim a todos os filósofos; o indivíduo que porá fim a todos os indivíduos, e o homem a encerrar todos os homens.

O que Thiel está dizendo é que a lógica da História Cristã aboliu o mecanismo do bode expiatório, a tal ponto que o Anticristo pode ascender ao poder sob o manto das trevas. Ou, em algumas de suas palavras menos esotéricas, o Cristianismo desviou nosso olhar da chaleira; agora ela talvez finalmente ferva.

Aqui reside uma profecia sombria. Se a História Cristã aboliu o mecanismo do bode expiatório, disso também decorre que agora nos encontramos em uma situação nova e estranha, em que nem os sacrifícios pagãos nem o perdão cristão funcionam para manter o Armagedom à distância.

Isso equivale a dizer que a História Cristã já não é suficiente. Não é catechônica o suficiente.

A memória europeia recente reflete o poder catechônico decrescente da história cristã. As gerações que cresceram após a Segunda Guerra Mundial tinham menos probabilidade de perguntar “O que Jesus faria?”, porque estavam muito focadas em “O que Hitler faria?”

Esse “Cristianismo de Nuremberg”, como um amigo descreveu recentemente o consenso pós-Segunda Guerra Mundial, reduziu questões fundamentais sobre a boa vida a uma espécie de programação social: a desnazificação, o antirracismo, e a oposição a qualquer coisa que carregue a aparência do nacionalismo.

A geoestratégia europeia, notadamente a da União Europeia, tornou-se, por necessidade, um projeto de paz. Ou seja, um projeto *negativo* formulado como um conto de advertência para afastar os males do passado. Para evitar Hitler, desarmar a Europa.

De um ponto de vista espiritual, a História Cristã e as democracias Cristãs minaram nossa *vitalidade*.

Para o Cristão secular de hoje, que cresceu sob o Cristianismo de Nuremberg, “ser bom” e “não ser mau” podem soar coisas semelhantes. Na realidade, trata-se da diferença entre viver a vida *com* ou *sem* espírito.

E, como se constata, as gerações que agora chegam à idade adulta não mais se perguntam, “O que Hitler faria?”. *Essa* história, e seu poder catechônico (se é que alguma vez teve algum), já cumpriu seu curso. Ela *esgotou-se*. As novas gerações têm fome de espírito.

## **Então, em que tipo de história estamos agora?**

Ainda somos humanos. Por mais que nosso sentido de nós mesmos e de nosso lugar no mundo tenha se transformado desde as Guerras Mundiais, ainda desejamos pertencer. Ainda nos definimos em relação aos outros; ainda comparamos e competimos; ainda é esse desejo que ali-

menta rivalidades e conflitos, de formas que conferem sentido às nossas vidas. E é essa busca de sentido que ainda torna o possível sacrifício.

Mas, em um mundo sem Deus, no qual nem o mecanismo do bode expiatório nem o perdão têm poder, para onde nos conduz esse desejo de pertencer? Conduz-nos em direção ao que nos resta, essa grande criação moderna: o eu.

Incapazes de formar identidades em nível coletivo e, consequentemente, incapazes de recorrer ao sacrifício coletivo, nosso desejo de pertencimento concentra-se em identidades individuais. Passamos a desejar nosso próprio sofrimento, a sacrificar-nos e, nesse processo, a criar sentido para nós mesmos.

Encerramos a guerra de todos contra um, apenas para acabar com guerras de um contra tudo e todos.

Isso vem antes da crença e vai além dela. Trata-se de sentir — de sentir *algo*.

Por que mais Nietzsche chamaria a si mesmo de Anticristo? Para ser alguma coisa, qualquer coisa, afirma-se a própria existência com um martelo.

Outra maneira de compreender esse estado de espírito é aquilo que, às vezes, se descreve como "coragem nórdica". Age-se de modo imprudente a fim de alcançar uma sensação de imortalidade. Os homens sempre desejaram a imortalidade. Mas alcançá-la por meio das maquinações do eu, de sua estranha interioridade, e de uma ação descontrolada, é algo propriamente moderno.

Não haveria nada de periclino nessa nova tentativa de ser lembrado. Entrar em estado de *berserk* não tinha a ver com ser "expressivo" nem com engajar-se em alguma forma de autorrealização. Os *berserkers* estão ligados a Odin pelo ritual que é a imprudência frenética. A violência para esses guerreiros é religiosa, como o sexo das prostitutas coríntias. Vitória aos deuses.

Não poderia tudo isso também ser passado por niilismo? Se sim, seria como um novo tipo de niilismo *irônico*, do tipo que deixa você perplexo sobre por que alguém age de forma imprudente.

Como o Homem do Subsolo de Dostoiévski, arrancando sua própria pele para provar que não deseja conforme o algoritmo.

Como aquele pinguim do filme de Werner Herzog *Encontros no Fim do Mundo*, que foge para o interior, em direção ao Abismo.

Aquele pinguim é o *Übermensch*, ou o Último Homem?

Compreender que tipo de niilismo estamos testemunhando hoje é crucial para entender em que tipo de história nos encontramos.

Faço essas perguntas porque não acredito que o *Katechon* de nosso tempo, nem o próprio Thiel, esteja prestes a reinicializar o Cristianismo. Ao contrário, o que devemos descobrir é algo novo, uma revisão de todo o nosso sistema *operacional*, nossa concepção de nós mesmos no nível mais fundamental.

Podemos nos basear na linguagem cristã como forma de discutir essas questões mais profundas, mas podemos igualmente nos basear em outras tradições mais antigas também.

Para nós, nórdicos, pelo menos, é fácil ver como a paisagem intelectual do Ocidente há muito tempo opera em software cristão, mas ainda roda em hardware pagão.

## O Ocidente quer algo sagrado

Esse tipo de Apocalipse — o fim de um mundo e o início de um novo — está no horizonte. À medida que a estrutura do mundo em que crescemos desmorona, surgem novos conflitos, não apenas no Oriente, mas também dentro do Ocidente. Reconheço que minha visão é muito marcada pelas recentes experiências europeias, pela turbulência geopolítica que a Europa atravessa. Mesmo assim, um padrão já começa a tomar forma em toda parte.

Nas próximas décadas, surgirão novos líderes capazes de imaginar o que substituirá nossas formas atuais, além do atual horizonte de eventos políticos, além da democracia liberal. Para os *boomers*, isso de fato soa como o Fim dos Tempos. Paz e Segurança não são mais nosso futuro. É fácil entender como, diante daquela escatologia, alguém pode sair em busca de um *Katechon*.

Mas esta é uma busca para as gerações mais velhas, aquelas com muito a perder. Para o jovem europeu niilista, pergunto-me, não há mais a ganhar com o crepúsculo dos deuses antigos?

Materialmente falando, o jovem europeu tem menos comprometimento com o regime atual. Sem casa própria. Sem filhos. Sem emprego que o defina. E o emprego que existe pode em breve ser feito por IA.

Não se trata de evitar esse futuro, mas de explicitar suas implicações, com clareza, de modo a fazer as perguntas certas: a Geração Alpha terá a maior proporção de membros ociosos na História Mundial. Como seria um *Katechon* do século XXI para eles? O que será sagrado para eles?

O jovem europeu que vejo chegar à maturidade parece mais inclinado a ansiar por um campo de batalha onde morrer. Como os cavaleiros de Rohan nos Campos de Pelennor, “pela ruína, e o fim do mundo”.

A imprudência será o abismo geracional dos jovens da geração Alpha. Este é o abismo que os encara de volta.

Com *nada pelo que morrer*, então, será possível *morrer por nada*? Quando não há razão para convocar uma cruzada, pode uma cruzada ser convocada porque não há razão para não fazê-lo? Há fundamento para o Ato, mesmo que leve à própria ruína?

E assim, finalmente, aqui no início de algo novo, proponho que o desafio que enfrenta um *Katechon* do início do século XXI é se esse espírito niilista pode ser direcionado, e se sim, para qual fim. Independentemente do que quisemos acreditar sobre a vida moderna, o mundo ainda trava guerras santas. E o Ocidente quer algo sagrado.